

O longo caminho para a superação das assimetrias de gênero nos periódicos científicos

*The Long Road to Overcoming Gender
Asymmetries in Scientific Journals*

A *Revista Brasileira de História* tem a satisfação de apresentar este dossiê temático dedicado ao estudo das mulheres na diplomacia. A relevância desta edição se insere em um contexto mais amplo de valorização da produção acadêmica sobre mulheres e suas trajetórias, historicamente marcadas por processos de silenciamento e invisibilização. Ao lançar luz sobre as experiências das mulheres na diplomacia, a *Revista*, a partir do dossiê organizado pelas historiadoras Nathália Henrich e Itzel Toledo García, contribui para a ampliação do debate historiográfico e político sobre a presença feminina em espaços de poder e decisão, e também na produção acadêmica.

Segundo as organizadoras, pesquisas conduzidas em universidades brasileiras e estrangeiras apontam que os estudos sobre relações internacionais ainda são majoritariamente produzidos por homens, e que a presença feminina nos debates teóricos e metodológicos da área segue sendo marginalizada. Assim, o dossiê aqui busca não apenas reconhecer o papel das mulheres na diplomacia, mas também destacar a importância da produção acadêmica sobre esse tema, contribuindo para visibilizar suas trajetórias e fortalecer redes de pesquisa que enfrentem a persistente invisibilidade feminina neste campo.

A publicação no primeiro semestre do ano ganha um significado ainda maior ao dialogar com o mês de março, momento em que se intensificam as reflexões sobre a luta das mulheres nos mais diversos âmbitos, incluindo a política e a produção acadêmica, mas, sobretudo, em que se sublinha o silenciamento histórico ocorrido em tais espaços.

A historiadora Maria da Gloria Oliveira já chamava a atenção para as desigualdades estruturais que atravessam o meio acadêmico – demonstrando o

processo de ocultamento de pesquisas de historiadoras na historiografia brasileira. Para a autora, é fundamental considerar as diversas formas de exclusão que ajudam a entender a negligência sobre as contribuições das mulheres à produção científica. Esses silenciamentos decorrem de um modelo de história intelectual que priorizou, por longo tempo, a análise de repertórios consagrados, compostos majoritariamente por obras de autoria masculina e de instituições acadêmicas que, historicamente, restringiram a presença feminina em seus espaços (Oliveira, 2018).

Por outro lado, um aspecto relevante para ressaltarmos nesse momento é a presença significativa de mulheres à frente da editoria de revistas acadêmicas. Em editorial da revista *Varia Historia* (jan./abr. 2022), a historiadora Mariana de Moraes Silveira questiona: “Existe uma feminização do trabalho editorial?”. A pergunta não é injustificada. Silveira argumenta que, se por um lado há uma queda na participação feminina na autoria de artigos submetidos a periódicos – como evidencia o levantamento da revista *Dados*, que registrou, no segundo trimestre de 2020, o menor patamar de participação feminina no total de envios (28%), em contraste com índices que oscilaram entre 36% e 55% por trimestre desde 2016 (Silveira, 2022, p. 10) –, o mesmo não ocorre com o trabalho editorial. Naquele momento, um levantamento das revistas classificadas como A1 indicava que dois terços das editoras eram mulheres.

O impacto desse cenário ainda exige investigações mais aprofundadas. A historiadora nos instiga a questionar se a expressiva participação das mulheres na editoria está vinculada à desvalorização acadêmica desse trabalho, já que a edição científica costuma ser percebida como uma função secundária, exigindo dedicação e competências especializadas, mas oferecendo pouco retorno em termos de reconhecimento em concursos e avanços na carreira (Silveira, 2022, p. 11). Nesse sentido, é preciso perguntar em que medida essa inserção modifica, amplia ou perpetua as assimetrias de gênero na academia. Seria essa predominância feminina na editoria uma conquista real, ou, paradoxalmente, um reflexo da divisão sexual do trabalho acadêmico, em que as mulheres continuam assumindo funções essenciais, porém menos reconhecidas?

Estudos sobre a distribuição de tarefas na ciência indicam que as mulheres costumam ocupar posições associadas à organização e à manutenção do campo intelectual, enquanto os homens tendem a se concentrar na autoria e nas posições de maior prestígio. Assim, compreender as razões e as consequências dessa configuração na editoração científica se torna uma questão fundamental para o debate sobre as assimetrias de gênero no meio acadêmico.

Os artigos reunidos neste dossiê oferecem contribuições fundamentais

para o campo dos estudos das mulheres nas relações internacionais. E, além disso, ajudam a romper com a lógica das desigualdades de gênero na produção científica, uma vez que a quase totalidade dos artigos é de autoria feminina. As análises incluem reflexões tanto sobre trajetórias individuais de diplomatas – reconhecidas ou pouco conhecidas – quanto sobre a participação feminina em organismos multilaterais e sua contribuição para o pensamento internacional. Esperamos que esta edição não apenas amplie o campo de estudos sobre mulheres na diplomacia, mas também estimule novas investigações e debates sobre o tema dentro e fora da academia.

Para finalizar, a editoração de um dossiê como este representa um passo fundamental em um processo mais amplo de enfrentamento das assimetrias no mundo acadêmico. Trata-se de uma iniciativa que contribui diretamente para a construção de um espaço no qual essas discussões possam ser aprofundadas e amplamente disseminadas. É também parte da luta contra a invisibilidade feminina, que passa pela ampliação dos espaços de debate e pelo reconhecimento das mulheres como agentes da história – seja na diplomacia, na produção do conhecimento e na editoração de periódicos. Este dossiê é, portanto, uma contribuição importante para fomentar reflexões críticas sobre gênero e poder, incentivando novas pesquisas e promovendo o debate público sobre o papel das mulheres nesse campo.

Sônia Meneses

Editora da *Revista Brasileira de História*

Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE, Brasil

Departamento de História

sonia.meneses@urca.br <<https://orcid.org/0000-0001-5099-0530>>

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *História da Historiografia*, v. 11, n. 28, pp. 104-140, set./dez. 2018.
- SILVEIRA, Mariana de Moraes. Editorial: Existe uma feminização do trabalho editorial? *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 38, n. 76, pp. 9-14, jan./abr. 2022.